UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE LETRAS - IL

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –LIP

O PAPEL DA REESCRITA DE TEXTOS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO – UMA MEDIAÇÃO POR MEIO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Milene de Freitas Ângelo[1]

Orientadora: Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Letras – Português.

Brasília, 2013

[1] Graduanda em Letras-Português pela Universidade de Brasília. Março de 2013. mileneangelo@gmail.com

O PAPEL DA REESCRITA DE TEXTOS NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO – UMA MEDIAÇÃO POR MEIO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Resumo: *Este artigo discute a importância da reescritura de textos no ambiente universitário e a eficácia da mediação por meio de tecnologias da informação. Buscou-se analisar, principalmente, a evolução do processo de reescrita de textos e a influência desse processo para o desenvolvimento de uma escrita crítica e autônoma, competência essencial para os estudantes.*

Palavras-chave: *artigo científico; mediação à distância; reescrita de textos.*

Abstract: *This article discusses the importance of rewriting texts in the university and the effectiveness of mediation through information technology. We sought to analyze mainly the evolution of the process of rewriting texts and the influence of this process for the development of an autonomous and critical writing, essential skill for students.*

Keywords: *distance learning*; *rewriting texts; scientific article*

Introdução:

A pesquisa descrita neste artigo teve como motivação duas experiências distintas. A primeira refere-se a estágios realizados em colégios particulares de Brasília – Distrito Federal, em que pude observar a metodologia utilizada nas escolas e a prática da reescrita na disciplina de Língua Portuguesa. Inserida no contexto escolar, pude ver de perto a dificuldade enfrentada nas séries finais do Ensino Fundamental nas produções de texto, principalmente devido a uma visão estruturalista da língua, que gera um ensino mecânico e descontextualizado da prática. Pude entender que a prática de produção de texto deve ser vista de maneira contínua, interativa, produtora de conhecimento e autonomia, e a partir disso, pude refletir acerca do processo de ensino-aprendizagem e da importância de uma mediação eficaz durante todo o processo. Surgiu o interesse em analisar e discutir acerca do tema, promovendo formas alternativas que sanassem os problemas encontrados.

A segunda experiência deu-se na Universidade de Brasília como tutora, durante um ano, da disciplina Desenvolvimento Psicológico e Ensino, que abrange os principais teóricos da educação, visando proporcionar uma reflexão acerca do papel do professor e da psicologia nas práticas pedagógicas. Tal disciplina é obrigatória para todas as licenciaturas da Universidade de Brasília e, no caso, é semipresencial, pois faz parte de um projeto financiado pelo REUNI (Programa de apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), intitulado “O processo de ensino-aprendizagem

mediado por tecnologias de comunicação e informação em disciplinas do PED/IP nas licenciaturas", coordenado pelas Professoras Doutoras Lucia Helena C. Zabotto Pulino e Silviane Barbato. O foco do projeto é a discussão acerca dos usos e funções dos diferentes textos e das diferentes ferramentas mediadoras disponibilizadas ao ensino a distância, semipresencial e híbrido, observando o processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias de comunicação e informação em disciplinas do Departamento de Psicologia Escolar e Desenvolvimento (PED) nas licenciaturas. O projeto atende estudantes matriculados nas disciplinas "Desenvolvimento Psicológico e Ensino" e "Fundamentos do Desenvolvimento e da Aprendizagem". Estes estudantes cursam, em sua maioria, o primeiro semestre de cursos de Graduação com habilitação em Licenciatura, tais como Artes, Biologia, História, Letras, Música e Química.

Considerar a escrita como competência adquirida nos anos do Ensino Fundamental e Médio é ignorar a realidade da educação brasileira. Alunos têm chegado ao Ensino superior e, muitas vezes, saído da Universidade sem saber escrever com autonomia. Foi este o problema com o qual me deparei ao participar dos processos de correção e reescrita de artigos científicos elaborados pelos alunos da disciplina ao longo do semestre letivo. As dificuldades encontradas eram, muitas vezes, reflexo de um ensino mecanicista "que prioriza nomenclaturas e classificações metalinguísticas de palavras e frases" (ANTUNES, 2009, p. 181). A minha participação, como pesquisadora, neste projeto foi fundamental para reconhecer a importância do processo de reescrita de textos na produção textual como um processo dialógico e orientado, e não como processo mecânico e isolado.

1. Objeto de pesquisa

As duas experiências descritas acima despertaram em mim a necessidade de investigação da influência do processo de reescrita para o desenvolvimento de uma competência de escrita autônoma. Além disso, surgiu o interesse em observar a influência do modo de mediação dessa reescrita, que deixa de ter uma correção apenas resolutiva, aquela que oferece soluções prontas para o texto; e se baseia, principalmente, na reflexão crítica do texto por parte do aluno e do professor durante uma constante troca de impressões a respeito do mesmo.

Ao perceber que o modo como o professor intervém no texto do aluno no momento da correção é a essência da ação mediadora, coloquei como objetivo principal de estudo dessa pesquisa os processos de reescrita de artigos científicos feitos por

estudantes do primeiro semestre da Universidade de Brasília durante as atividades realizadas na disciplina "Desenvolvimento Psicológico e Ensino", analisando a real efetividade de se trabalhar com a reescrita de textos por meio de uma mediação à distância no ambiente universitário.

Com tais objetivos, procurei investigar o fazer pedagógico desenvolvido pelo professor/tutor no processo de mediação e observar a resposta do aluno à ação intermediativa do professor, ou seja, analisar o que acontecia no texto do aluno após suas reescritas, que eram motivadas explicitamente pelas orientações do professor, registradas tanto no texto durante a correção, quanto em mensagens enviadas pela plataforma de ensino.

É importante frisar que a disciplina da qual os textos foram coletados não é uma matéria voltada para a escrita ou para a Língua Portuguesa, ou seja, o objetivo inicial da disciplina não é ensinar a escrever, e sim conhecer diversas teorias sobre o desenvolvimento psicológico voltado para o ensino. Entretanto, não podemos desconsiderar o processo de aprendizagem a que estão sujeitos os alunos dessa disciplina, pois o uso do gênero artigo científico é uma estratégia do professor para verificar a apropriação, por parte dos alunos, dos conteúdos da disciplina. Com isso, o professor além de tratar do conteúdo teórico também proporciona a seus alunos a construção de conhecimento quanto ao gênero acadêmico artigo científico e da própria tarefa de escrita acadêmica.

Pretende-se demonstrar que, por meio do trabalho de orientação para reescrita, os alunos se apropriaram e desenvolveram habilidades de escrita e conseguiram se colocar como sujeitos autores, observando de modo crítico a própria produção.

2. Contextualização teórica

Para Orlandi e Guimarães (1993), o texto é uma unidade empírica, com começo, meio e fim, mas que deve ser pensada no processo discursivo como uma dispersão de sentidos, pois é o lugar da dispersão do sujeito. O sujeito se representa de inúmeras maneiras num mesmo espaço textual e está, de algum modo, inscrito no texto que produz. Ao construir o seu dizer, o sujeito está em plena atividade de interpretação, atribuindo sentidos às suas próprias palavras em condições particulares.

Segundo Bakthin (2003) é somente pela prática que se torna próprio o que antes era alheio. Nessa medida, adotar procedimentos de correção de textos norteados por

uma concepção de avaliação mediadora do processo de aprendizagem é estimular a autonomia e a reflexão da atividade, comprometendo-se com o aprender.

No momento em que o professor se coloca como leitor crítico das produções dos alunos, a correção se torna um mecanismo de diálogo entre locutores e o objetivo da atividade se torna claramente a obtenção da resposta do aluno por meio da reescrita de seu texto, que deve ser incorporada como etapa natural do processo de produção textual. A mediação do professor é, portanto, um dos fatores primordiais para que o aluno obtenha sucesso em seu processo de aquisição e desenvolvimento da escrita, pois o homem se constrói nas interações que estabelece com os outros.

Cabe ao professor, portanto, pensar nos efeitos das marcas de sua leitura no processo de ensino e aprendizagem em curso. As ações podem ser positivas, promovendo condições para a postura de autoavaliação por parte do aluno; mas podem também suprimir a voz do autor crítico, o transformando em um mero reprodutor de discursos.

Segundo Tomazoni (2005; p. 41):

> se a concepção de avaliação mediadora pressupõe professor e aluno como co-participantes de um processo epistemológico, então a responsabilidade pela correção e reflexão passa a ser não apenas do aluno, mas também do professor. Sendo assim, a reescrita passa a ser o momento ideal para a co-participação em busca da correção e da reflexão sobre essa correção. A ação de reescrever, banhada por essa óptica, passa a ser revista como uma garantia a ser dada ao conhecimento compartilhado, numa atitude de parceria em torno do saber.

O processo epistemológico está, segundo a autora, em corrigir não somente para ver se o aluno aprendeu, mas também para refletir sobre a produção de conhecimento dele, influenciando-o a reorganizar seu saber. Portanto, "apontar erros, retificá-los, corrigi-los não é avaliar" (HOFFMANN, 2002, p.53), pois tais processos não permitem que o aluno perceba sua escrita como uma interlocução autêntica, atendo-se apenas aos problemas pontuais apontados pelo professor. O avaliador deve apontar indicadores claros ao escritor sobre as possibilidades de melhoria, orientando-o pedagogicamente.

O tipo de intervenção que tende a promover mais efeitos positivos no processo de aprendizagem da escrita é o textual-interativo, pois ele possibilita ao professor uma variedade de ações dialógicas, tais como estímulos, questionamentos, elogios, sugestões, recomendações, esclarecimentos e comentários, além de oferecer dados mais significativos ao aluno para a tarefa de reescrita. Tal fato demanda ao aluno uma atitude reflexiva sobre o seu texto e sobre o seu processo de inserção nas práticas discursivas do

domínio acadêmico. Esses recursos permitem que o professor dirija o olhar do aluno a determinados aspectos do texto, questionando os efeitos de sentido produzidos. (RUIZ, 2010)

Torna-se indiscutível, assim, o papel do professor como mediador da aprendizagem. Ele é um fator determinante do sucesso que o aluno possa ter em seu processo de aquisição e desenvolvimento da escrita.

A ação de corrigir deve estar dentre as preocupações de um avaliador, porém não pode ser a única. O avaliador deve também se preocupar em propor situações desafiadoras e mediar uma orientação com o aluno, estimulando a reflexão do estudante acerca da sua produção de conhecimento, orientando-o para reorganizar seus saberes.

A correção deve ser vista nessa pesquisa como um dos expedientes da atividade de avaliação, construindo-se turnos de interação durante o diálogo das ações de ensino e aprendizagem, tanto na prática de correção por parte do professor, como nas práticas de escrita e reescrita no turno do aluno. Ou seja, a correção é a manifestação da compreensão responsiva ativa do professor ao projeto de dizer do aluno, pois o modo como escolhe estratégias interventivas influencia na resposta à proposta pedagógica por parte do aluno. A correção de textos é, então, uma atividade voltada para o processo de aprendizagem da escrita em curso, e não apenas para o produto final.

A dificuldade na escrita está justamente na prática descontextualizada, em que se coloca o texto como mera reprodução para um único fim, a correção. Ignora-se a prática social do texto, o poder do discurso que está nas mãos de quem escreve.

3. Trabalho com gêneros – o artigo científico

A língua, do ponto de vista de sua práxis, reflete, por meio do gênero, principalmente, os padrões culturais e interacionais da comunidade em que está inserida. Segundo Marcuschi (1996, p.4 *apud* BONINI, 2001), gêneros são "modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na língua quando quer organizar o discurso". É importante considerar a representação que os grupos possuem desse objeto, pois os gêneros são frutos do trabalho coletivo e "contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia-a-dia" (MARCUSCHI, 2002, p.20).

Pode-se afirmar que o gênero acadêmico surge de práticas discursivas que têm sua origem fundada em uma área do saber científico. A sua aprendizagem pelos

estudantes é construída por meio de representações sobre como agir nessas práticas, a consequente apropriação de conceitos junto às práticas que envolvem os procedimento acadêmico-científicos e a seleção de estratégias de textualização.

A produção de artigos científicos é uma atividade frequente no meio acadêmico e distingue-se dos diferentes tipos de trabalhos científicos como monografias e teses justamente pela sua dimensão e conteúdo reduzidos. Segundo Marcantonio (1993), "[...] são resultados de estudos completos de um dado objeto de pesquisa. Não chegam a constituir-se em matéria para dissertações, teses ou livros. Apresentam as pesquisas realizadas e são publicados em revistas ou periódicos especializados".

Como o gênero em questão serve de meio de comunicação e de intercâmbio de ideias entre cientistas da sua área de atuação, de modo a levar os resultados do teste de uma hipótese ou provar uma teoria, deve estar fundamentado nas convenções linguísticas próprias ao texto científico, como o emprego de linguagem objetiva, concisa e formal, serem elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins a que se destinam. (LAKATOS e MARCNONI, 1996).

A impessoalidade é considerada como mecanismo argumentativo, tendo o intuito de provar a veracidade e legitimidade do discurso proferido, e também uma forma de neutralidade, resultando em uma espécie de inquestionabilidade do discurso proferido. É importante ressaltar que essa impressão de neutralidade não afasta a existência de um sujeito do discurso, que escolhe o tema, os autores que fundamentarão seu texto e a forma como o texto será construído.

Foi justamente com o intuito de envolver o gênero à sua prática discursiva que o plano de ensino da disciplina foi desenvolvido. O gênero trabalhado é muito usual no contexto acadêmico, sendo utilizado para comunicar os resultados de pesquisas, ideias e debates de maneira clara, concisa e fidedigna. Porém, o que se observa é que mesmo nesse contexto, os alunos acabam se acostumando a produzir para simples correção, esquecendo-se da amplitude da prática social, como posteriores publicações, que são o verdadeiro intuito do artigo científico - divulgar conhecimento.

Portanto, trabalhar o gênero logo nos primeiros semestres irá influenciar no modo como esse estudante vislumbrará as próximas propostas, podendo, até mesmo, despertar o interesse pela pesquisa acadêmica. Estudantes que tenham uma concepção clara do que é o artigo científico e que conheçam as estruturas desse gênero textual têm maior possibilidade de produzirem mais proveitosamente esse texto do que estudantes que não tenham recebido tais informações.

4. A prática pedagógica - Primeiras impressões

Notou-se, em um primeiro momento, certa resistência ao Ensino a Distância. A princípio os alunos ficaram receosos de não terem a figura do professor presente em sala de aula. Muitos alunos ainda não conheciam a plataforma de aprendizagem, tampouco haviam vivido alguma experiência com o ensino a distância. Outro ponto de debate foi a quantidade de produções exigidas ao longo do semestre. Muitos alunos deram depoimentos sobre suas dificuldades de escrita, expondo que a sua experiência de escrita se resumia a dissertações para vestibular. Outros alunos alegaram que não "sabiam escrever" e que não conseguiriam produzir artigos científicos.

Essa visão foi mudando no decorrer da disciplina, quando os alunos começaram a conhecer e interagir com as ferramentas da plataforma de ensino. Utilizando os fóruns de discussão, fazendo downloads de textos para aprofundamento, enviando atividades e recebendo feedbacks rápidos e comentários individuais para cada atividade realizada, os estudantes puderam perceber que a tecnologia também pode oferecer inúmeras ferramentas para a construção de um ambiente de aprendizagem.

Dentro dessas mudanças destaca-se o papel dos professores e tutores, que se preparam previamente, participando de cursos sobre as ferramentas disponíveis e adaptando a disciplina aos moldes da educação a distância, não deixando de adequar o número de aulas presenciais, principalmente no início do curso, para que a mudança não acarretasse em um choque para os alunos.

5. A estrutura da disciplina

Em um primeiro encontro presencial, a ementa da disciplina foi apresentada, deixando claro para os alunos os objetivos a serem alcançados, os meios de interação que estariam disponíveis e os modos de avaliação. Os alunos foram divididos em grupos, de modo que cada grupo apresentaria, ao final do semestre, uma revista científica composta pelos artigos científicos elaborados por eles mesmos. Algumas versões das revistas ficariam disponíveis para a troca entre grupos e outras iriam para a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, onde serviriam como base de estudos para outros estudantes.

A elaboração dos artigos era concomitante com as aulas teóricas. Assim, os alunos tinham cerca de um mês para pesquisar a fundo o tema, elaborar o artigo e

reescrevê-lo quantas vezes fossem necessárias. Esse ciclo se repetiu quatro vezes durante o semestre e deu origem a diversas revistas científicas elaboradas pelos alunos.

A primeira versão dos artigos foi feita sem qualquer orientação ou imposição de regras. Foi solicitada aos alunos a elaboração de um artigo científico sobre o tema "Desenvolvimento Psicológico". A partir de uma análise dessa primeira versão enviada pelos alunos, partiu-se do conhecimento já adquirido por eles para elaborar uma aula de tutoria, na qual se abordava o gênero artigo científico, desde sua contextualização social à sua forma. As exigências formais do gênero foram explicitadas e mostrou-se como pesquisar os padrões da ABNT, exigidos nos textos científicos. Depois dessas explicações, os artigos elaborados foram redistribuídos pela turma, de modo que os próprios alunos fariam a primeira correção nos textos dos colegas, partindo de suas concepções. O intuito dessa atividade era gerar no aluno um senso crítico ao ler o texto, visualizando clareza, concisão e adequação ao tema ou a falta desses elementos, podendo repetir o processo no próprio texto.

Após o primeiro contato dos alunos com o gênero e com a prática de correção, a nova versão dos artigos foi reenviada pela plataforma de aprendizagem e corrigida pelos tutores. Os feedbacks eram feitos no próprio texto por meio da ferramenta "Controlar alterações" ou em diálogos ao lado do texto, por meio da ferramenta "Inserir comentário", ambas do Word. Essa troca se repetia quantas vezes fossem necessárias para sanar as dúvidas e dificuldades dos alunos.

6. Mediação a distância

As estratégias de ensino e aprendizagem podem, segundo Massetto (2003), abranger os meios utilizados pelo professor para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, como a organização do espaço utilizado enquanto sala de aula, os materiais empregados, as discussões em grupos, o uso da Internet e de programas educacionais para computadores e outras inúmeras opções.

Dessa maneira, pode-se utilizar como resposta às limitações temporais, espaciais e interativas, os sistemas de gerenciamento de cursos à distância. A construção do conhecimento ocorre de maneira colaborativa por meio da virtualização do ambiente de aprendizagem, que pode oferecer maior dinamização e colaboração entre os participantes, diminuindo as barreiras entre professor-aluno e aluno-aluno.

Grande parte das interações se deu por meio da plataforma de aprendizagem e esse método foi utilizado por ser uma disciplina obrigatória para vários cursos, demandando muitos professores e espaço físico. A disciplina ofertada dessa maneira comporta mais alunos por turma, facilitando o acesso aos inúmeros estudantes, além de conectar o aluno a qualquer tempo com a disciplina, dando a ele maior liberdade produtiva.

Tal método também oferece um grande suporte às funções dos professores, não só no desenvolvimento de material, como na comunicação com o aluno; propicia um acompanhamento do processo de pensamento e impressões de cada estudante em tempo real, além de facilitar o controle de envio de trabalhos e de posteriores comentários, que podem ser feitos repetidas vezes de modo rápido e efetivo.

6.2 O papel da mediação pedagógica por meio de novas ferramentas

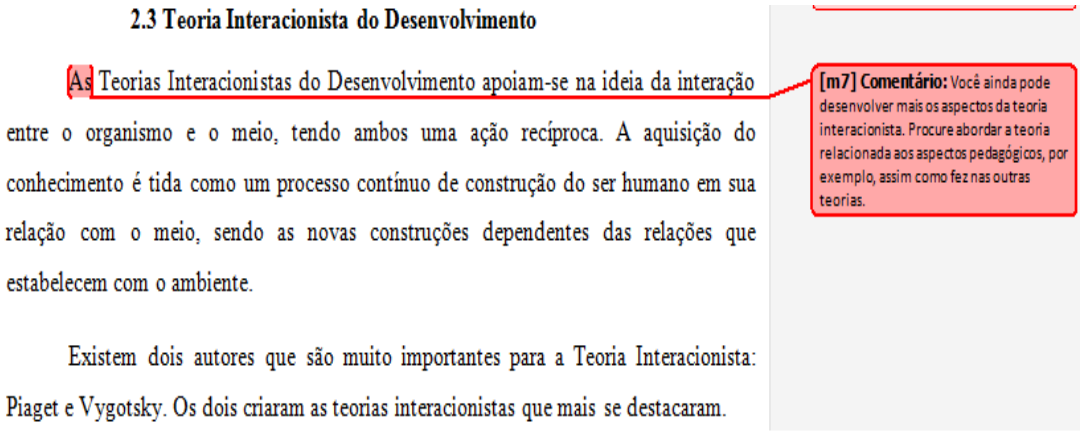
Segundo Vigotsky (1991) o sujeito da aprendizagem não é um ser somente ativo, mas interativo, pois a aprendizagem é construída por meio das relações intra e interpessoais com o seus conhecimentos.

As relações de mediação foram realizadas, principalmente, por meio da plataforma de aprendizagem Moodle. Essa ferramenta permitiu uma série de possibilidades de interação, produzindo um ambiente de conhecimento rico em recursos, tais como fóruns interativos, nos quais os alunos podiam discutir a respeito de um tema, expor opiniões, trocar experiências e tirar dúvidas. Havia também um espaço de troca de documentos de texto e de vídeos, onde os alunos poderiam postar links que consideravam interessantes, gerando também uma discussão produtiva a respeito do material. Outro recurso importante era o calendário de aulas presenciais e espaço para avisos, que poderiam ser consultados sempre que houvesse dúvida quanto às datas e prazos. Além dessas ferramentas, o espaço era o meio de troca de artigos e correções, de diálogo entre os alunos, professores e tutores, espaço de troca de impressões e sugestões para melhoria do andamento da disciplina.

O ambiente virtual possibilitou uma economia de tempo no que diz respeito à troca de informações, principalmente nas correções dos artigos. Muitas vezes os artigos eram enviados e recebiam o *feedback* no mesmo dia, o que aumenta o retorno efetivo dos alunos. As ferramentas para correção também influenciaram muito para a efetividade do trabalho.

A primeira ferramenta utilizada foi a “Inserir comentário”, exemplificada pela Amostra A. A inserção de comentários ao longo do texto, que muitas vezes é evitada pelo corretor quando feita no suporte de papel por poluir visualmente a produção e por não haver espaço suficiente, é um tipo de correção que leva a reflexão do aluno, pois permite sugestões, elogios e considerações a respeito de um trecho específico, como podemos ver na figura a seguir.

AMOSTRA A



2.3 Teoria Interacionista do Desenvolvimento

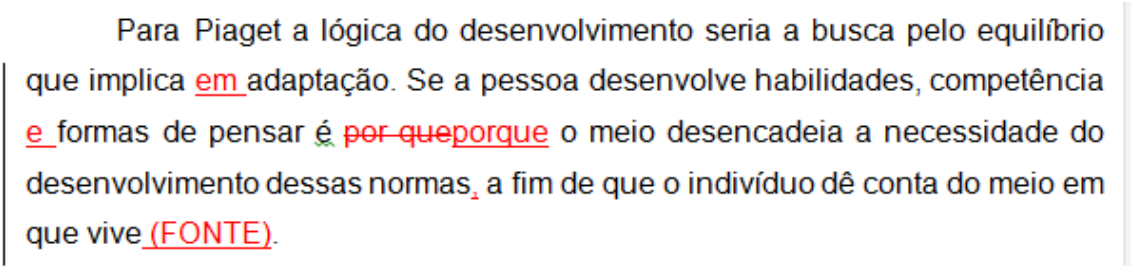
As Teorias Interacionistas do Desenvolvimento apoiam-se na ideia da interação entre o organismo e o meio, tendo ambos uma ação recíproca. A aquisição do conhecimento é tida como um processo contínuo de construção do ser humano em sua relação com o meio, sendo as novas construções dependentes das relações que estabelecem com o ambiente.

Existem dois autores que são muito importantes para a Teoria Interacionista: Piaget e Vygotsky. Os dois criaram as teorias interacionistas que mais se destacaram.

[m7] Comentário: Você ainda pode desenvolver mais os aspectos da teoria interacionista. Procure abordar a teoria relacionada aos aspectos pedagógicos, por exemplo, assim como fez nas outras teorias.

A outra ferramenta utilizada é a “Controlar alterações”, exemplificada pela Amostra B, que permite inserir, retirar e modificar o texto de modo a dar destaque às alterações, facilitando a visualização por parte do aluno, que pode aceitá-las ou rejeitá-las, podendo entrar em contato com o tutor a qualquer tempo para sanar dúvidas quanto às correções.

AMOSTRA B



Para Piaget a lógica do desenvolvimento seria a busca pelo equilíbrio que implica em adaptação. Se a pessoa desenvolve habilidades, competência e formas de pensar é ~~por que~~porque o meio desencadeia a necessidade do desenvolvimento dessas normas, a fim de que o indivíduo dê conta do meio em que vive (FONTE).

A correção feita por meio dessas ferramentas possibilita um misto entre correções resolutivas, indicativas e textual-interativas. A correção resolutiva obtém

soluções prontas para os problemas, dessa maneira não contribui para o amadurecimento das habilidades de escrita do aluno e, por vezes, anula a sua voz como autor. Os demais tipos de correção, ao contrário, demandam uma atitude analítica sobre o texto por parte do aluno e do professor. Pelo caráter reflexivo da atividade, esses tipos de correção apresentam relevante papel no curso do processo de inserção do aluno nas práticas discursivas acadêmicas.

7. A importância da reescrita e a influência da mediação observada

O intuito das atividades propostas pela disciplina não é somente o de se ater ao formato exigido pelo gênero, mas também ao conteúdo exposto, a clareza das informações e coerência das ideias abordadas, despertando no aluno um leitor crítico capaz de dialogar com o texto que lê e com o texto que escreve.

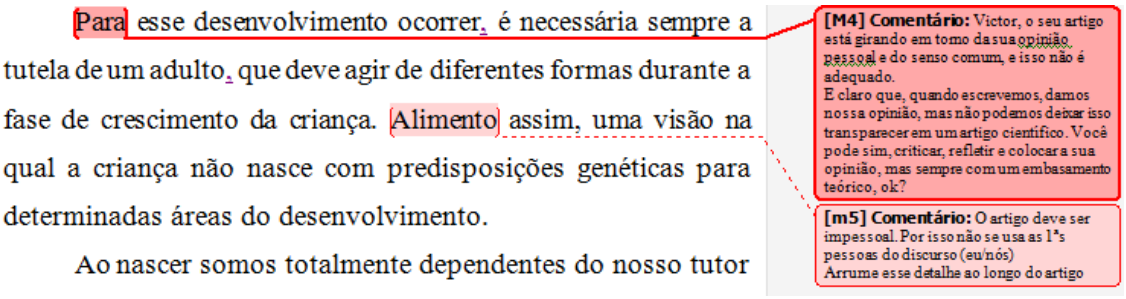
É importante ressaltar que, por meio de um trabalho persistente e contínuo tanto do professor quanto do aluno, pode-se observar no decorrer das análises e observações feitas durante o semestre, que a reescrita dos textos mostrou-se produtiva para a melhoria qualitativa das produções textuais dos alunos.

Um dos fatores que pode ter contribuído para a melhoria do desempenho dos alunos é o fato do professor corrigir tantas versões quantas fossem necessárias para poder acompanhar a evolução do educando em textos sucessivos, até que esse adquirisse um nível satisfatório. Fato esse que reflete na postura do aluno na busca incansável de novas formas de se expressar para poder melhorar sua competência comunicativa.

O processo de escrita e reescrita contínuas permite que se descubra uma riqueza de recursos linguísticos disponíveis na expressão escrita, mas este só se mostra efetivo se forem adotados procedimentos de correção de textos orientados por uma concepção de avaliação como mediadora do processo de aprendizagem, comprometida com o aprender.

A ação de escrita e reescrita leva os alunos a movimentos de aprendizagem sobre o gênero em questão e sobre a própria linguagem. No caso da Amostra C, por exemplo, destaca-se a importância da impessoalidade no artigo científico.

AMOSTRA C


Para esse desenvolvimento ocorrer, é necessária sempre a tutela de um adulto, que deve agir de diferentes formas durante a fase de crescimento da criança. Alimento assim, uma visão na qual a criança não nasce com predisposições genéticas para determinadas áreas do desenvolvimento.

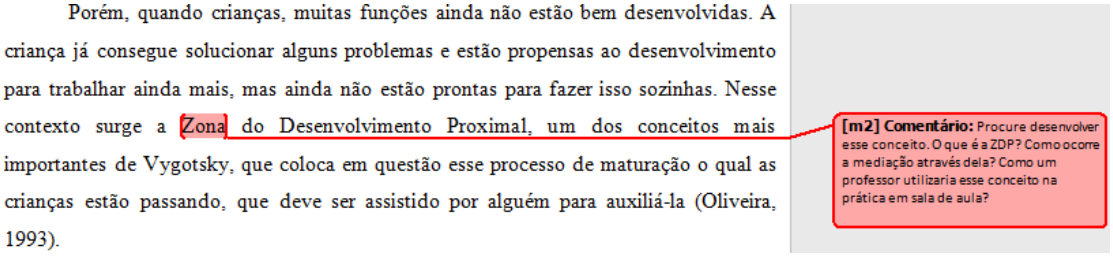
Ao nascer somos totalmente dependentes do nosso tutor

[M4] Comentário: Victor, o seu artigo está girando em torno da sua opinião pessoal e do senso comum, e isso não é adequado.
E claro que, quando escrevemos, damos nossa opinião, mas não podemos deixar isso transparecer em um artigo científico. Você pode sim, criticar, refletir e colocar a sua opinião, mas sempre com um embasamento teórico, ok?

[m5] Comentário: O artigo deve ser impessoal. Por isso não se usa as 1ªs pessoas do discurso (eu/nós)
Arrume esse detalhe ao longo do artigo

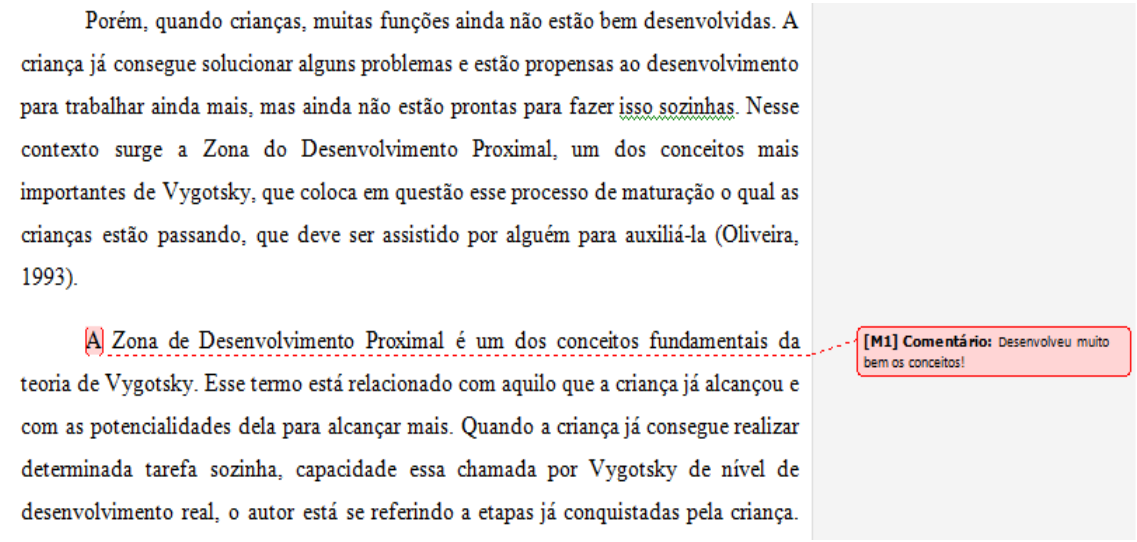
Observa-se na Amostra D que a reescrita do texto foi encarada pelo aluno como resultado natural de uma postura de experimentação, momento de crescimento e reconstrução de outro texto, visualizado na Amostra E.

AMOSTRA D


Porém, quando crianças, muitas funções ainda não estão bem desenvolvidas. A criança já consegue solucionar alguns problemas e estão propensas ao desenvolvimento para trabalhar ainda mais, mas ainda não estão prontas para fazer isso sozinhas. Nesse contexto surge a Zona do Desenvolvimento Proximal, um dos conceitos mais importantes de Vygotsky, que coloca em questão esse processo de maturação o qual as crianças estão passando, que deve ser assistido por alguém para auxiliá-la (Oliveira, 1993).

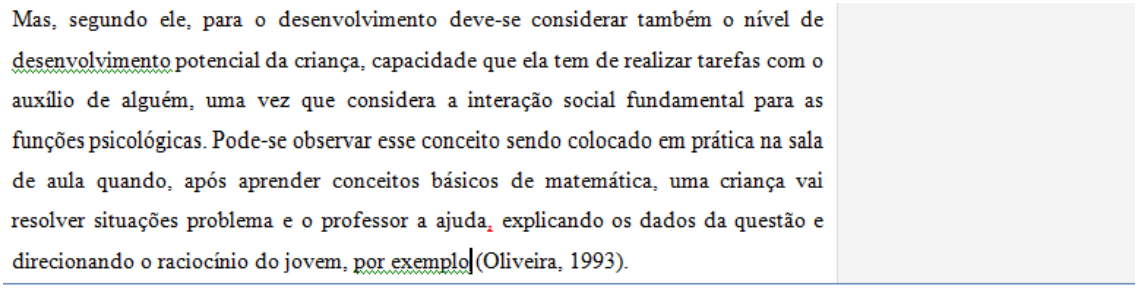
[m2] Comentário: Procure desenvolver esse conceito. O que é a ZDP? Como ocorre a mediação através dela? Como um professor utilizaria esse conceito na prática em sala de aula?

AMOSTRA E


Porém, quando crianças, muitas funções ainda não estão bem desenvolvidas. A criança já consegue solucionar alguns problemas e estão propensas ao desenvolvimento para trabalhar ainda mais, mas ainda não estão prontas para fazer isso sozinhas. Nesse contexto surge a Zona do Desenvolvimento Proximal, um dos conceitos mais importantes de Vygotsky, que coloca em questão esse processo de maturação o qual as crianças estão passando, que deve ser assistido por alguém para auxiliá-la (Oliveira, 1993).

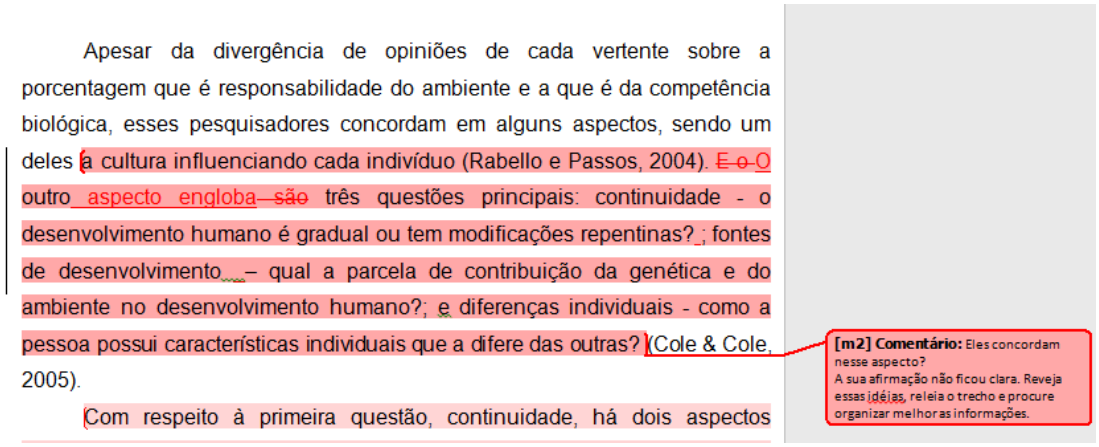
A Zona de Desenvolvimento Proximal é um dos conceitos fundamentais da teoria de Vygotsky. Esse termo está relacionado com aquilo que a criança já alcançou e com as potencialidades dela para alcançar mais. Quando a criança já consegue realizar determinada tarefa sozinha, capacidade essa chamada por Vygotsky de nível de desenvolvimento real, o autor está se referindo a etapas já conquistadas pela criança.

[M1] Comentário: Desenvolveu muito bem os conceitos!


Mas, segundo ele, para o desenvolvimento deve-se considerar também o nível de desenvolvimento potencial da criança, capacidade que ela tem de realizar tarefas com o auxílio de alguém, uma vez que considera a interação social fundamental para as funções psicológicas. Pode-se observar esse conceito sendo colocado em prática na sala de aula quando, após aprender conceitos básicos de matemática, uma criança vai resolver situações problema e o professor a ajuda, explicando os dados da questão e direcionando o raciocínio do jovem, por exemplo (Oliveira, 1993).

A Amostra F mostra como a mediação reflete sobre as hipóteses que são construídas pelo estudante ao buscar a melhor forma de se expressar.

AMOSTRA F

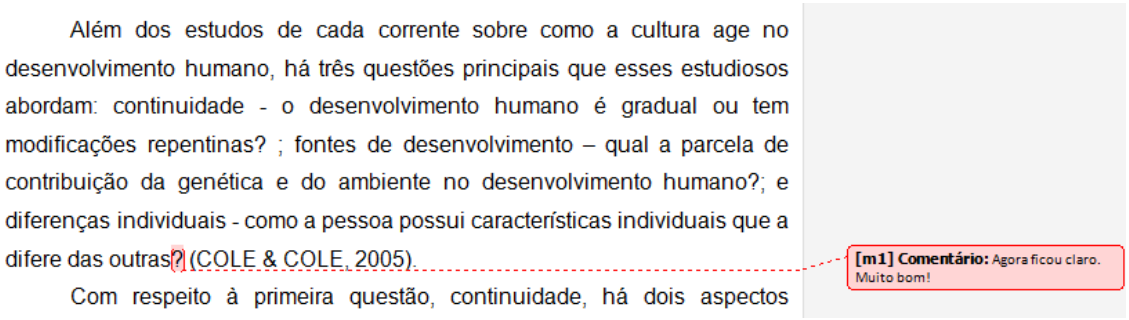

Apesar da divergência de opiniões de cada vertente sobre a porcentagem que é responsabilidade do ambiente e a que é da competência biológica, esses pesquisadores concordam em alguns aspectos, sendo um deles a cultura influenciando cada indivíduo (Rabello e Passos, 2004). ~~E o~~ O outro aspecto engloba ~~são~~ três questões principais: continuidade - o desenvolvimento humano é gradual ou tem modificações repentinas? ; fontes de desenvolvimento – qual a parcela de contribuição da genética e do ambiente no desenvolvimento humano?; e diferenças individuais - como a pessoa possui características individuais que a difere das outras? (Cole & Cole, 2005).

Com respeito à primeira questão, continuidade, há dois aspectos

[m2] Comentário: Eles concordam nesse aspecto?
A sua afirmação não ficou clara. Reveja essas idéias, releia o trecho e procure organizar melhor as informações.

Somente através de um trabalho contínuo de escrita e reescrita de textos o aluno poderá desenvolver sua competência linguística e chegar a produções qualitativamente melhores, como comprovado pela Amostra G, durante a reescrita do trecho mostrado na figura acima.

AMOSTRA G

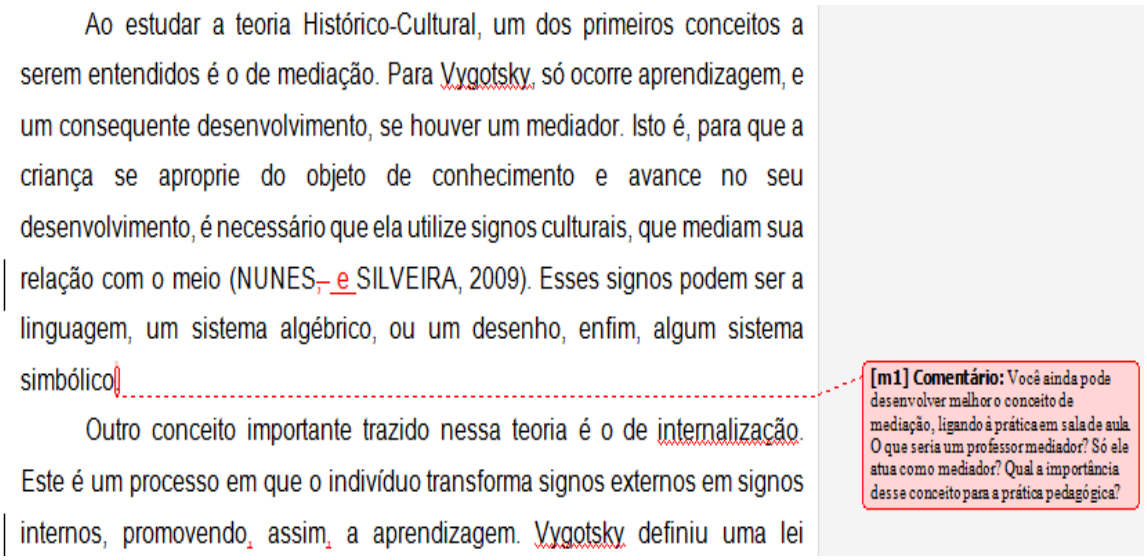

Além dos estudos de cada corrente sobre como a cultura age no desenvolvimento humano, há três questões principais que esses estudiosos abordam: continuidade - o desenvolvimento humano é gradual ou tem modificações repentinas? ; fontes de desenvolvimento – qual a parcela de contribuição da genética e do ambiente no desenvolvimento humano?; e diferenças individuais - como a pessoa possui características individuais que a difere das outras? (COLE & COLE, 2005).

Com respeito à primeira questão, continuidade, há dois aspectos

[m1] Comentário: Agora ficou claro. Muito bom!

O comentário feito na Amostra H mostra o estímulo à reflexão do aluno sobre sua produção de conhecimento, que procurou na reescrita (AMOSTRA I) a reorganização de seus saberes.

AMOSTRA H

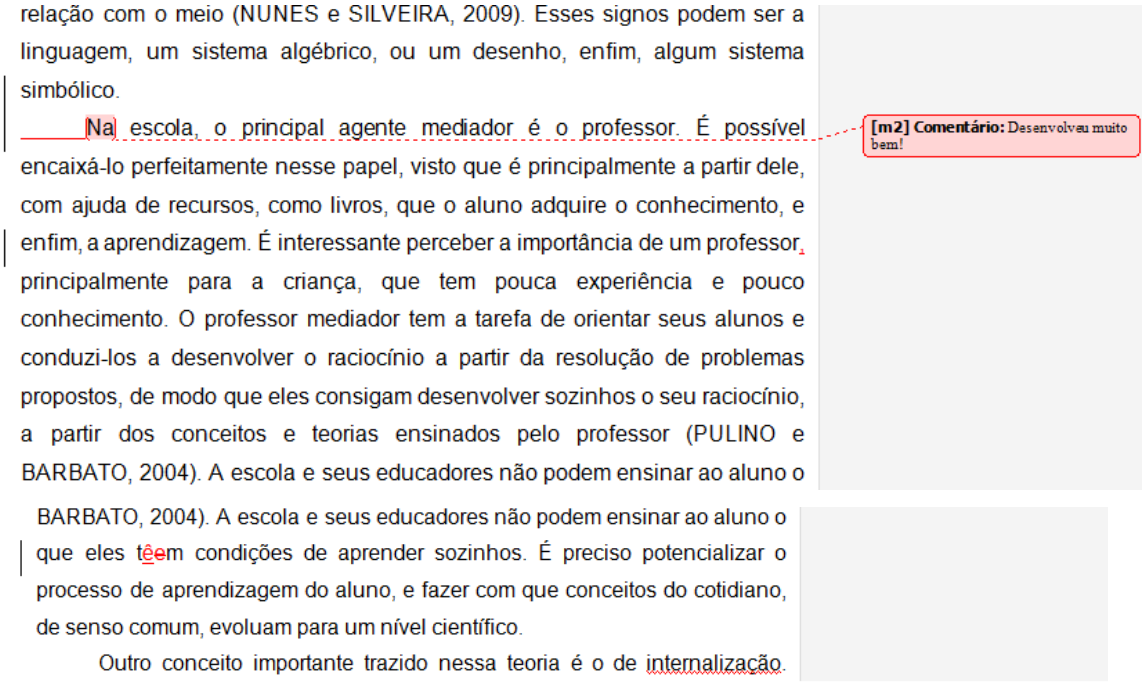


Ao estudar a teoria Histórico-Cultural, um dos primeiros conceitos a serem entendidos é o de mediação. Para Vygotsky, só ocorre aprendizagem, e um consequente desenvolvimento, se houver um mediador. Isto é, para que a criança se aproprie do objeto de conhecimento e avance no seu desenvolvimento, é necessário que ela utilize signos culturais, que mediam sua relação com o meio (NUNES, e SILVEIRA, 2009). Esses signos podem ser a linguagem, um sistema algébrico, ou um desenho, enfim, algum sistema simbólico.

Outro conceito importante trazido nessa teoria é o de internalização. Este é um processo em que o indivíduo transforma signos externos em signos internos, promovendo, assim, a aprendizagem. Vygotsky definiu uma lei

[m1] Comentário: Você ainda pode desenvolver melhor o conceito de mediação, ligando à prática em sala de aula. O que seria um professor mediador? Só ele atua como mediador? Qual a importância desse conceito para a prática pedagógica?

AMOSTRA I



relação com o meio (NUNES e SILVEIRA, 2009). Esses signos podem ser a linguagem, um sistema algébrico, ou um desenho, enfim, algum sistema simbólico.

Na escola, o principal agente mediador é o professor. É possível encaixá-lo perfeitamente nesse papel, visto que é principalmente a partir dele, com ajuda de recursos, como livros, que o aluno adquire o conhecimento, e enfim, a aprendizagem. É interessante perceber a importância de um professor, principalmente para a criança, que tem pouca experiência e pouco conhecimento. O professor mediador tem a tarefa de orientar seus alunos e conduzi-los a desenvolver o raciocínio a partir da resolução de problemas propostos, de modo que eles consigam desenvolver sozinhos o seu raciocínio, a partir dos conceitos e teorias ensinados pelo professor (PULINO e BARBATO, 2004). A escola e seus educadores não podem ensinar ao aluno o

[m2] Comentário: Desenvolveu muito bem!

BARBATO, 2004). A escola e seus educadores não podem ensinar ao aluno o que eles têem condições de aprender sozinhos. É preciso potencializar o processo de aprendizagem do aluno, e fazer com que conceitos do cotidiano, de senso comum, evoluam para um nível científico.

Outro conceito importante trazido nessa teoria é o de internalização.

Deve-se levar em consideração que foco da pesquisa não é analisar o tipo de correção, mas sim a importância da mediação durante a reescrita para o

desenvolvimento da competência de escrita autônoma, que pode ser verificada por meio do quantitativo de produções feitas pelo mesmo aluno no início do semestre e ao final do mesmo.

8. Procedimentos metodológicos

8.1 Coleta de dados

A disciplina Desenvolvimento Psicológico e Ensino utilizou como base para as atividades avaliativas a elaboração de artigos científicos. No decorrer do semestre os alunos produziram quatro propostas diferentes, sendo que cada proposta poderia ser reescrita a quantidade de vezes necessárias para que o texto se tornasse adequado à atividade indicada.

O principal objetivo dessas correções era fornecer aos estudantes um critério para refletir sobre a própria escrita. As notas quantitativas não eram utilizadas a fim de evitar qualquer desestímulo, os comentários dados pelos tutores continham tom motivador e direcionavam o aluno para um constante aperfeiçoamento do texto.

A turma foi dividida em grupos de modo que cada tutor ficaria responsável por uma média de vinte alunos. Dessa maneira não ficariam sobrecarregados com os vários textos de cada aluno e poderiam dar um atendimento mais individualizado a cada um, conseguindo dar feedbacks rápidos e responder prontamente a todas as dúvidas dos alunos.

Nessa pesquisa foram coletados dados de uma turma da disciplina "Desenvolvimento Psicológico e Ensino", ofertada a alunos de História e Música com habilitação em Licenciatura. Dentro dessa turma foram analisadas as produções de 22 alunos, totalizando 138 artigos.

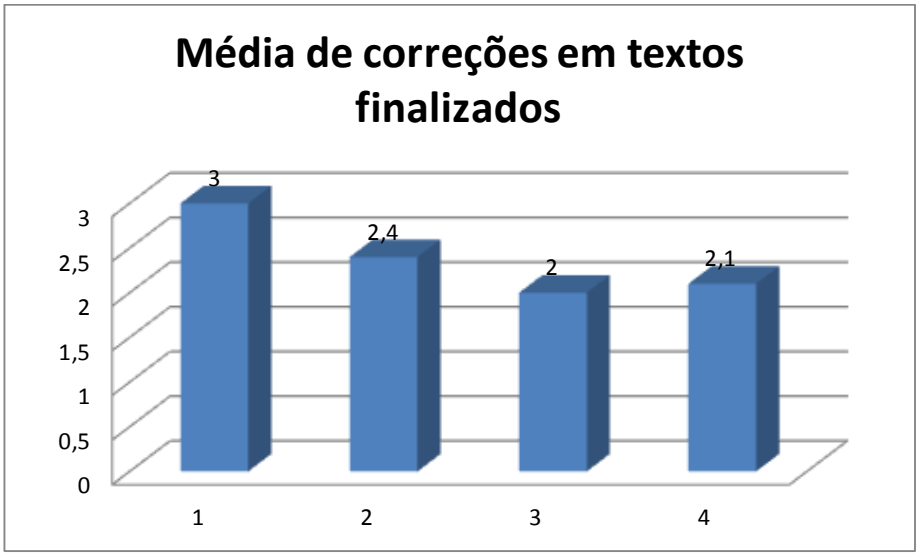
É importante frisar que os textos eram entregues para a correção e esse procedimento poderia se repetir quantas vezes fossem necessárias. Porém, nem todos os alunos entregavam os textos para a correção ou realizavam as alterações sugeridas, estagnando o processo cíclico de melhoria dos artigos. Para que a pesquisa mostre resultados mais concretos, os artigos que não foram finalizados, ou seja, os artigos cujo processo de reescrita foi interrompido em algum momento, não foram contabilizados.

8.2 Análise dos dados

O artigo era avaliado quanto ao conhecimento acerca do tema e quanto à adequação ao gênero, afinal os artigos iriam compor uma revista científica. Portanto, além de se observar a precisão com que se fala a respeito do tema, o nível de conhecimento e aprofundamento e as referências utilizadas, o formato do texto também foi avaliado, principalmente no que se tange à coesão e coerência e as normas da ABNT adotadas.

O fato de se permitir que a produção de texto seja feita em casa, de maneira contínua, infelizmente gerou, mesmo no ambiente acadêmico, um alto índice de trechos plagiados, e, em alguns casos, cópias integrais de outros artigos publicados. Os casos de plágio foram excluídos da análise final, pois o aluno não tinha direito à reescrita do texto nessa hipótese. No caso de cópias de trechos, nota-se a dificuldade de síntese e de pesquisa nos alunos, que não conseguem retextualizar o que leram. Notou-se também uma falta de autonomia e iniciativa de pesquisar, ler e se aprofundar no assunto. Muitos ficaram presos a pesquisas superficiais em fontes, muitas vezes, não confiáveis.

O gráfico abaixo ilustra a diminuição de reescritas pelos alunos que finalizaram os textos. Na primeira proposta, realizada no início do semestre, os alunos precisaram, em média, de três correções para atingirem resultados satisfatórios em seus artigos. O número de correções diminuiu ao longo do semestre, chegando a duas correções, em média, na última proposta. Contudo, esse não é o melhor método de análise, pois não considera o "desempenho" do aluno ao longo do semestre, e sim o da turma.



Com o intuito de realizar uma comparação entre o próprio aluno, em dois momentos distintos no semestre e verificar se realmente houve diminuição do número de correções, selecionou-se, dentre os 22 alunos, somente os que tiveram correções finalizadas em ao menos dois temas, totalizando 13 alunos.

A pesquisa indicou que entre os alunos que participaram efetivamente do processo de reescrita, ou seja, tiveram suas versões corrigidas e reescritas o número de vezes necessárias para completar a tarefa, a média da diferença do número de correções foi de 0,61, o que indica uma redução de reescritas. A fim de comprovar se a diferença é estatisticamente significativa, utilizou-se o teste t de Student e o resultado confirmou a indicação ($p=0,04$), podendo-se afirmar que o resultado foi positivo.

9. Considerações finais

A pesquisa aponta que por meio do processo de reescrita, mediada continuamente de modo interativo, o aluno foi, ao longo do semestre, precisando de uma quantidade menor de versões e de orientações para elaborar um texto adequado, mostrando uma autonomia no processo de escrita.

Entre as estratégias que mostram a adequação da plataforma de aprendizagem à visão construtivista de uma educação a distância, comprometida com o desenvolvimento da autonomia do aluno, pode-se citar a presença de um diálogo pedagógico constante entre o professor/tutor e os estudantes, o que contribui para a condição do professor como mediador do processo de construção do conhecimento do aluno; a revisão contínua das atividades realizadas, dando aos alunos retornos que reforcem ou reorientem o curso de sua aprendizagem; o desenvolvimento da autonomia dos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem, por meio da orientação do professor, que oferece suportes e pistas durante o processo; a análise dos resultados de um processo avaliativo continuado, o que contribui para possíveis ajustes no desenvolvimento do trabalho.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino – uma outra escola possível.* São Paulo: Parábola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BONINI, Adair. *Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas.* UNISUL, 2001

GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do

sujeito. In.: ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP:

Editora da UNICAMP, 1993, p. 53-73. OK

HOFFMANN, J. *Avaliando redações: da escola ao vestibular*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

HOFFMANN, J. *Avaliar para promover:* as setas do caminho. Porto Alegre:Mediação, 2003.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. de A. *Técnicas de pesquisa*: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCANTONIO, A. T., Santos, M. M. e Lehfeld, N. A. de S. *Elaboração e divulgação do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora (Org.). Gêneros Textuais e Ensino. RJ: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, Análise de gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MASETTO, M. T. *Competência pedagógica do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações na escola*. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

TOMAZONI, Tayana Moritz. *Produção, correção e avaliação de textos a partir de gêneros de discursos.* (Dissertação de mestrado em Lingüística Aplicada). Florianópolis: UFSC, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. CAMARGO, J. L. São Paulo: Martins Fontes. 1991.